

## INTRODUÇÃO À FOLKCOMUNICAÇÃO GÊNESE, PARADIGMAS E TENDÊNCIAS\*

José Marques de Melo\*\*

---

**Resumo:** Como caracterizar a Folkcomunicação como disciplina científica? O autor responde a essa questão explicitando o conceito de Folkcomunicação a partir da tese original do seu criador, Luiz Beltrão, bem como reconstituindo o contexto histórico em que a disciplina foi criada. Ele atualiza também o conhecimento sobre o desenvolvimento da disciplina e suas tendências mais recentes.

**Palavras-chave:** ciências da comunicação; teoria da comunicação; Folkcomunicação; folclore; Brasil.

**Abstract:** How to characterize Folkcommunication as a scientific subject? The author answers this question explaining the concept of Folkcommunication based on the original idea of its creator, Luiz Beltrão, as well as rebuilding the historical context in which the subject was created. He also updates the knowledge about the development of the subject and its more recent tendencies.

**Key-words:** sciences of communication; theory of communication; Folkcommunication; folklore; Brazil.

---

\* Conferência proferida a convite dos Cursos de Comunicação Social do Centro Universitário UNIVATES (Lajeado, RS, 31 de julho de 2003) e do Centro Univesitário FEEVALE (Novo Hamburgo, RS, 4 de agosto de 2003).

\*\* Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Titular da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. É Presidente de Honra da Rede Brasileira de Pesquisadores em Folkcomunicação – FOLKCOM.

## A DISCIPLINA

A Folkcomunicação constitui uma disciplina científica dedicada ao "estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias", como bem a definiu seu fundador Luiz Beltrão na tese de doutoramento defendida em 1967 na Universidade de Brasília.

Seu objeto de estudo situa-se na fronteira entre o **Folclore** (resgate e interpretação da cultura popular) e a **Comunicação de Massa** (difusão industrial de símbolos através de meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas).

Se o **Folclore** compreende *formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas*, a **Folkcomunicação** caracteriza-se pela utilização de *mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural*.

Essa era, pelo menos, a compreensão original de Luiz Beltrão, que a entendia como **processo de intermediação entre a cultura das elites** (erudita ou massiva) **e a cultura das classes trabalhadoras** (rurais ou urbanas).

Tratava-se daquela "segunda etapa" do processo de difusão massiva concebido pelo sociólogo Paul Lazarsfeld e seus discípulos da Universidade de Columbia. Mas com uma diferença fundamental. Enquanto os cientistas norte-americanos vislumbravam o protagonismo individual de "líderes de opinião" em "grupos primários", o fundador da folkcomunicação dimensionava a influência coletiva de "agentes simbólicos" no seio de "comunidades periféricas".

Foi dentro dessa perspectiva que se realizaram as primeiras pesquisas do gênero, privilegiando aquelas **decodificações da cultura de massa** (ou suas leituras simplificadoras da cultura erudita) **feitas pelos veículos rudimentares nos quais se abastecem simbolicamente os segmentos populares da sociedade**.

Contudo, para legitimar-se socialmente e para conquistar os mercados constituídos por cidadãos que não assimilaram inteiramente a cultura alfabética, a indústria cultural brasileira necessitou retroalimentar-se continuamente na cultura popular. Muitos dos seus produtos típicos, principalmente no setor do entretenimento, resgataram símbolos populares, submetendo-os à padronização da fabricação massiva e seriada.

Dessa maneira, os discípulos de Luiz Beltrão ampliaram o seu raio de observação dos fenômenos folkcomunicacionais, não se limitando a analisar os fenômenos da recodificação popular de mensagens da cultura massiva, mas também rastreando os processos inversos. Ou seja, pesquisando a apropriação de bens da cultura popular pela indústria cultural (tanto os meios de comunicação coletiva quanto os aparatos do lazer massivo, principalmente o turismo), de acordo com Benjamin (2000).

Tais apropriações são mais comuns nos formatos ficcionais ou musicais. No entanto, o próprio jornalismo se abastece continuamente nas fontes da cultura popular, registrando indícios das sobrevivências tradicionais na vida das comunidades modernas. Tais manifestações populares se convertem em notícias pelo seu caráter inusitado, pitoresco ou sentimental.

Através do dossiê *Indícios da Folkcomunicação na Virada no Milênio* (São Bernardo do Campo, UMESP, 1998), procuramos rastrear algumas dessas evidências da folkcomunicação na mídia impressa.

Vale a pena citar alguns títulos desses registros midiáticos para dar uma idéia da sua riqueza documental no fim do século XX:

Folhetos, provas incontestes da popularidade de Frei Damião no Nordeste  
As quadrilhas atuais tomaram um verdadeiro banho de americanização  
A rabeça toca o que você possa imaginar  
Dia dos Namorados tem orações e concursos de beijo  
Imbroglío no Brás: Festa de São Vito é motivo de disputa  
São Paulo de verde e amarelo: paulistanos decoram ruas para torcer  
Caninha, do Brasil para o mundo  
Sertão ainda convive com cenário de Lampião

Dessa maneira, a folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica.

## O FUNDADOR

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) destaca-se no panorama intelectual brasileiro como figura paradigmática<sup>1</sup>. Seu nome está imediatamente associado à Folkcomunicação, disciplina que integra o universo das Ciências da Comunicação.<sup>2</sup>

Se consultarmos duas obras de referência da literatura comunicacional brasileira, veremos que Luiz Beltrão é sinônimo de Folkcomunicação<sup>3</sup>:

BELTRÃO - Jornalista e professor de comunicação[...] o termo **folkcomunicação**, por ele criado, delimita a vasta área à qual dedicou grande parte de suas pesquisas. Designa o 'conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore' (Rabaça; Barbosa, 1987, p. 611).

---

<sup>1</sup> O perfil biográfico de Luiz Beltrão está contido no livro organizado por Roberto Benjamin - Itinerário de Luiz Beltrão, Recife, AIP/UNICAP, 1998. Ali foram coligidos dados e depoimentos que confirmam todo o seu pioneirismo acadêmico, ademais da sua atuação de vanguarda como jornalista e das suas incursões singulares pela vida literária.

<sup>2</sup> A presença da Folkcomunicação como disciplina integrante do segmento das ciências da informação individual ou grupal está justificada no meu livro de estréia na vida acadêmica, Mello (1998). Ela também foi incluída na coletânea que abriga textos marcantes da minha trajetória intelectual.

<sup>3</sup> Essa associação entre a palavra e o seu criador deu-se naturalmente quando ela foi dicionarizada. Sua incorporação ao léxico midiático fez-se por iniciativa do Professor Erbolato (1985). Somente mais tarde ela seria assimilada pelo pelos estudiosos do folclore, quando Souto Maior (1999) publica o seu dicionário, dedicando um verbete a Luiz Beltrão, identificado como personagem polivalente: "romancista, contista, jornalista, advogado, professor, folclorista" (p. 116).

FOLKCOMUNICAÇÃO - Em termos gerais, pode-se dizer que **folkcomunicação** é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: folkcomunicação é a comunicação através do folclore. [...] A origem do termo **folkcomunicação** se deu em 1967, com a tese de doutoramento do Prof. Luiz Beltrão[...] (Luyten, 1983, p. 32-34).

Ao criar em 1997 o “Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação”, atribuído anualmente às personalidades ou instituições que prestaram relevantes serviços ao nosso campo do conhecimento, a INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - pretendeu homenageá-lo como pioneiro dos estudos científicos da comunicação no Brasil, conforme Kunsch (1999, p. 226-229).

Seu pioneirismo é multifacetado.<sup>4</sup> Ele fundou o primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação - o ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação) - na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, 1963. Criou ainda a primeira revista científica brasileira dedicada a temas comunicacionais - *Comunicações & Problemas*, também na cidade do Recife, 1965. Tornou-se, finalmente, o primeiro Doutor em Comunicação diplomado por universidade brasileira, ao defender na Universidade de Brasília, em 1967, a tese *Folkcomunicação - Um estudo dos Agentes e dos Meios Populares da Informação de Fatos e Expressão de Idéias*.

Essa tese doutoral representou, na sua biografia, uma espécie de odisséia: “série de complicações, peripécias ou ocorrências singulares, variadas e inesperadas” (Aurélio, 1975, p. 999). Tendo permanecido inédita, ela alcança o seu *happy-end* neste primeiro ano do novo milênio, publicada integralmente pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por iniciativa do Prof. Dr. Antonio Hohlfeld, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Nessa entidade universitária, seu autor colaborou como Professor-Visitante em várias ocasiões.<sup>5</sup> Trata-se, portanto, de um serviço inestimável, esse que a PUC-RS presta ao campo das ciências da comunicação, possibilitando às novas gerações de pesquisadores da área o contato direto com este documento histórico.

---

<sup>4</sup> Essas diferentes facetas do mestre olindense mereceram a atenção dos participantes do CELACOM'1999 - III Ciclo de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, através das contribuições de Maria Luiz Nóbrega - Icinform: uma experiência pioneira; Maria das Graças Targino - A contribuição do Instituto de Ciências da Informação (Icinform) na gênese do pensamento comunicacional brasileiro; Rosa Maria Nava - Comunicações & Problemas: o primeiro periódico de estudos e pesquisas da Comunicação do Brasil; Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho - Luiz Beltrão: da criação do Icinform à teoria da Folkcomunicação; Tereza Halliday e Roberto Benjamin - "Pernambuco falando para o mundo": contribuição da Unicap e do Icinform para as Ciências da Comunicação, Mello e Gobbi (2000).

<sup>5</sup> Evidências dessa estreita colaboração ficaram registradas nos livros *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980), publicados em Porto Alegre pela Editora Sulina, integrando a Estante de Comunicação Social, editada em convênio com a ARI - Associação Riograndense de Imprensa - e dirigida pelo então diretor da FAMECOS - Faculdade dos Meios de Comunicação Social -, Professor Antonio Firmo de Oliveira González.

## OS PARADIGMAS

De acordo com Marques de Melo (2003), Luiz Beltrão lançou a plataforma dessa nova disciplina no âmbito das ciências da comunicação no primeiro número da revista *Comunicações & Problemas*. No artigo sobre o “ex-voto”, ele suscitava o olhar dos pesquisadores da comunicação para um tipo de objeto que já vinha sendo competentemente estudado pelos antropólogos, sociólogos e folcloristas, mas negligenciado pelos comunicólogos.

Seu argumento implícito era o de que as manifestações populares, acionadas por agentes de “informação de fatos e expressão de idéias”, tinham tanta importância comunicacional quanto aquelas difundidas pelos *mass media*. Por isso mesmo ele recorria ao arsenal metodológico já testado e aperfeiçoado no estudo das manifestações convencionais do *mass-journalism* (formatadas de acordo com os canais pós-gutenbergianos) e as transportava para analisar as ricas expressões daquilo que ele sugeria como integrantes do *folk-journalism* (veiculadas em canais pré-gutenbergianos ou usando tecnologias tão rudimentares como a *prensa* de Mogúncia).

Na verdade, Beltrão descobrira que os processos modernos de comunicação massiva coexistiam, no espaço brasileiro-nordestino, com fenômenos de comunicação pré-moderna. Eram reminiscências do período medieval-europeu, transportadas pelos colonizadores lusitanos e historicamente aculturadas, aparentando uma espécie de *continuum* simbólico. Tais veículos de comunicação popular ou de folkcomunicação, como ele preferiu denominar, mesmo primitivos ou artesanais, atuavam como meros retransmissores ou decodificadores de mensagens desencadeadas pela indústria da comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão).

Mais do que isso: ele identificou teoricamente uma semelhança entre tais processos e aqueles que Lazarsfeld e seus discípulos haviam observado na sociedade norte-americana, mais conhecido como o paradigma do “two-step-flow-of-communication”. No entanto, as hipóteses de Luiz Beltrão davam um passo adiante em relação aos postulados de Paul Lazarsfeld e Elihu Katz. Enquanto aqueles cientistas atribuíam um caráter linear e individualista ao fluxo comunicacional em duas etapas, porque dependente da ação persuasiva dos “líderes de opinião”, o pesquisador pernambucano tinha a premonição de que o fenômeno era mais complexo, comportando uma interação bipolar (pois incluía o “feedback” protagonizado pelos “agentes populares” no contato com os “meios massivos”) e revelando natureza coletiva. A re-intrepretação das mensagens não se fazia apenas em função da “leitura” individual e diferenciada das lideranças comunitárias. Mesmo sintonizadas com as “normas de conduta” do grupo social, ela continha fortemente o sentido da “coesão” grupal, captando os signos da “mudança social”, típico de sociedades que sofrem as agruras do meio ambiente e necessitam transformar-se para sobreviver.

Em certo sentido, Luiz Beltrão antecipava observações empíricas que embalsariam a teoria das “mediações culturais”, o cerne da contribuição de Jesus Martin Barbero e dos culturalistas ao pensamento comunicacional latino-americano. Dessa corrente, o mexicano Jorge González já fizera referência explícita aos estudos seminais do cientista pernambucano sobre as classes subalternas brasileiras, pioneirismo que seria enfatizado pelo próprio Martin Barbero em sua análise sobre os “aportes” brasileiros para as ciências sociais da América Latina durante o congresso INTERCOM’97. Beltrão reconhecia nos agentes de folk-comunicação, nas sociedades rurais ou periféricas, um caráter nitidamente institucional, semelhante àquele

que Martin Barbero atribuiria mais tarde aos agentes educativos, religiosos ou políticos nas sociedades urbanas metropolitanas.

Mas, antes disso, a originalidade dos estudos de Luiz Beltrão havia merecido aplausos do maior folclorista brasileiro, que foi Luís da Câmara Cascudo. Depois de ler o artigo sobre o “ex-voto” publicado na revista do ICINFORM, Mestre Cascudo endereçou uma carta estimuladora, destinada a elevar o astral do seu autor. Beltrão a transcreveria na edição seguinte do periódico.

O seu artigo-de-abertura [...] é um magnífico *master-plan*. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. E não apenas os produtos do esforço desse Homem. Acredite na força pessoal do seu afeto no plano da penetração analítica. Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés. [...] Desconfie dos mentores integrais, nada permitindo às alegrias do seu livre trânsito. O papagaio, que tanto fala, não sabe fazer um ninho. E os Pássaros cantadores aprenderam na gaiola essa habilidade de prisioneiros profissionais.

O incentivo de Câmara Cascudo foi decisivo. Tanto assim que Luiz Beltrão sistematizou e ordenou suas observações sobre as manifestações da comunicação popular nordestina, ancorando-as nas teorias do *folk-lore* e confrontando-as com os paradigmas da *mass-communication*. Dois anos depois resgatou as evidências empíricas e interpretou-as segundo as teorias da comunicação de massa e da cultura popular, enfeixando-as na tese de doutoramento que inscreveu na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

A parte empírica da sua tese de doutorado virou livro em 1971, intitulado *Comunicação e Folclore* (São Paulo, Melhoramentos), ampliando a difusão das idéias que construíra sobre a Folkcomunicação. No entanto, os seus fundamentos teóricos ficaram opacos, uma vez que a Editora Melhoramentos, que acolheu a tese, optou por amputar-lhe o capítulo introdutório, substituindo-o por uma breve introdução ao tema. Em parte, isso se explica por razões mercadológicas (poupar o leitor comum dos prolegômenos típicos das teses universitárias). Mas a explicação verdadeira está no parecer feito pelo consultor editorial, Prof. Lourenço Filho, fascinado pela originalidade do autor, mas perplexo ante a sua ousadia teórica.

Além de fundamentar-se em teorias norte-americanas da *mass communication*, Beltrão buscou amparo nas teses da “dinâmica do folclore” defendidas pelo folclorista (de esquerda) Edison Carneiro. Aqueles eram tempos de obscurantismo cultural, mantidos pela legislação extra-constitucional decretada pelo AI-5. Assim sendo, a teoria da folkcomunicação de Luiz Beltrão circulou incompleta até 1980, quando sopraram os ventos da abertura “lenta, gradual e segura” do General Geisel.

Ao publicar seu segundo livro sobre essa temática - *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (São Paulo, Cortez, 1980), Beltrão corrige de algum modo essa lacuna, sintetizando e sem dúvida atualizando sua teoria da folkcomunicação. Ela já se apresentava, nesse momento, bem mais rica e estruturada, fruto das pesquisas empíricas que ele realizou em outras regiões brasileiras, especialmente em Brasília (síntese cultural do país), e dos confrontos feitos com pesquisas semelhantes desenvolvidas em outros países. Nesse sentido, ele tomou ao pé da letra a proposta de Câmara Cascudo: ande primeiro com os próprios pés e veja com os próprios olhos para depois comparar com as pegadas e os olhares dos outros.

## A DIFUSÃO DAS IDÉIAS

De qualquer maneira, o pensamento de Luiz Beltrão disseminou-se em todo o território nacional, conquistando seguidores que deram andamento a algumas de suas idéias ou discípulos que avançaram nas trilhas empíricas por ele abertas.

Considero-me um deles, ainda que não o mais freqüente, nessa área, como sem dúvida tem sido Roberto Benjamin, Oswaldo Trigueiro, Joseph Luyten ou Severino Lucena. Dos escritos desse grupo resultou um corpo conceitual que trata de explicitar (ou reinterpretar) a teoria da folkcomunicação.

Para se ter uma visão panorâmica da faina laboriosa dessa equipe de pesquisadores da folkcomunicação, vale a pena consultar a antologia que reúne trabalhos dispersos do mestre e análises complementares dos seus discípulos – *Mídia e Folclore (o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão)*, obra organizada por José Marques de Melo e publicada pelas Faculdades Maringá, em 2001.

Contudo, a Folkcomunicação de Luiz Beltrão encontrou dupla resistência: a dos **folcloristas conservadores** (que pretendiam defender a cultura popular das investidas midiáticas modernizantes) e a dos **comunicólogos radicais** (que pretendiam fazer da cultura popular o cavalo de tróia das suas batalhas políticas em lugar de apreender nessas manifestações genuínas o limite da resistência possível de comunidades empobrecidas cuja meta é a superação da marginalidade social).

Explica-se, dessa maneira, o desconhecimento das novas gerações de comunicadores em relação às idéias de Luiz Beltrão. Elas permanecem estocadas nas prateleiras das bibliotecas, sendo indispensável propiciar aos midiólogos que vão atuar no próximo século o acesso a idéias, conceitos, teorias e metodologias construídos por um dos mais profícuos cientistas brasileiros da comunicação. Trata-se de um arsenal acadêmico que ficou de certo modo encoberto, para não dizer marginalizado, numa conjuntura marcada pela crença quase cega na obsolescência e morte das tradições populares, que se acreditava seriam sepultadas pelas correntes culturais pós-modernas e semi-eruditas.

Mas a História tem suas armadilhas imprevisíveis. Ao contrário das suposições modernas, na verdade estribadas em sentimentos profundamente elitistas, o que observamos hoje é justamente um movimento em sentido contrário. A globalização permite vislumbrar o cenário de um mundo polifacético e multicultural. Ele sugere que qualquer inserção pro-ativa no seu universo depende basicamente do capital simbólico acumulado nas mega, macro ou microrregiões, potencialmente convertíveis em imagens e sons capazes de sensibilizar a aldeia global. Vale dizer, ancorados em dimensão universalizante. Ou, em outras palavras, enraizados na cultura popular, mas traduzidos para a linguagem da cultura de massa.

Dá a atualidade do pensamento comunicacional de Luiz Beltrão, que pensou na era de McLuhan sobre as interações entre a aldeia local e a aldeia global. Ao construir um referencial teórico consistente lançou pontes entre a folk-mídia e a mass-mídia. Ele reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feedback* dialético, contínuo, criativo.

Suas idéias estão sendo resgatadas, atualizadas e aprofundadas pela Rede FOLKCOM – Rede Brasileira de Folkcomunicação, constituída com o apoio da Cátedra

UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Trata-se de um coletivo de pesquisadores das *interfaces* entre comunicação massiva e cultura popular que vem se reunindo anualmente nas Conferências Brasileiras de Folkcomunicação:

1998 - Universidade Metodista de São Paulo, na cidade industrial de São Bernardo do Campo, analisando a trajetória intelectual de Luiz Beltrão e as novas tendências da folkcomunicação.

1999 - Universidade Federal de São João del Rei (MG), quando se realizou a exegese comparativa dos legados teóricos de Câmara Cascudo (folclore) e de Luiz Beltrão (folkcomunicação).

2000 – Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, oportunidade em que os participantes vislumbraram os caminhos cruzados da mídia, do folclore e turismo.

2001 – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, inventariando as festas populares como processos comunicacionais.

2002 – Centro Universitário Mont Serrat, em Santos (SP), focalizando a imprensa do povo e suas vertentes regionais no âmbito da cultura luso-brasileira.

2003 – Faculdade de Filosofia de Campos, no Rio de Janeiro, estudando a difusão do folclore através das indústrias midiáticas.

A próxima conferência está sendo organizada pelo Centro Universitário UNIVATES, em Lajeado (RS), agendando a temática da folkcomunicação política, ou seja, a comunicação na cultura dos excluídos.

A Rede Folkcom vem editando também uma publicação eletrônica, denominada *Revista Internacional de Folkcomunicação*, publicada em parceria com Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB, o Museu da Imprensa de Portugal e a Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação, acessível na web no seguinte endereço: [www.iesb.br/sipec/Revista.pdf](http://www.iesb.br/sipec/Revista.pdf) view as html

Em plano latino-americano, o pensamento de Luiz Beltrão tem inspirado as produções científicas do Grupo de Estudios de Folk-Comunicación, criado pela ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación) e confiado à coordenação de um dos seus discípulos mais atuantes, o Prof. Dr. Roberto Emerson da Câmara Benjamin. O primeiro encontro dos estudiosos latino-americanos da FolkComunicação ocorreu no 4º. Congresso da ALAIC, promovido na cidade do Recife, ocasião em que foi lançada uma obra coletiva sobre a vida e a obra do mestre pernambucano - *Itinerário de Luiz Beltrão* (Recife, AIP/UNICAP, 1998). Dois outros encontros desse grupo foram realizados em Santiago do Chile (2000) e Santa Cruz de la Sierra, Bolívia (2002). A próxima reunião está prevista para a cidade argentina de La Plata, em outubro de 2004.

A memória desses eventos e o conjunto da obra de Luiz Beltrão - um pensador polifacético que também produziu estudos e reflexões sobre Teoria da Comunicação e Teoria do Jornalismo, além de textos literários e jornalísticos - estão sendo reunidos e futuramente disponibilizados para consulta pública no Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano (APCL), uma iniciativa em processo, lançada pela Cátedra UNESCO de Comunicação do Brasil, sediada no campus Rudge Ramos da Universidade Metodista de São Paulo (email [unesco@umesp.com.br](mailto:unesco@umesp.com.br)).

As fontes de referência para esse trabalho de registro documental são os ensaios de autoria do Prof. Dr. Paulo Rogério Tarsitano - “Luiz Beltrão: vida e obra” (originalmente



apresentado à 48ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - PUC, São Paulo, 1996, depois publicado na revista *Comunicação & Sociedade*, n. 25, POSCOM/UMESP, 1996, p. 165-182) e do Prof. Dr. Roberto Benjamin - "Folkcomunicação: contribuição brasileira à escola latino-americana de comunicação" (originalmente apresentado à 21ª. Conferência Científica da International Association for Mass Communication Research - University of Starthclyde, Glasgow, Escócia, 1998, depois publicado no *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*, São Bernardo do Campo, 1998, p. 133-138).

Novas dimensões sobre a obra e a vida do fundador da folkcomunicação estão contidas no dossiê "Revisitando o Pensamento de Luiz Beltrão", publicado pelo *Unesco/Umesp de Comunicação Regional*, São Bernardo do Campo, 2002, p. 17-42. Estão ali enfileirados artigos de Roberto Benjamin - "Expandindo a proposta da obra fundadora"; Antonio Hohlfeldt - "Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século"; e Cristina Schmidt - "O comunicador folk e as festas de uma só".

Para os que se interessarem pelo trabalho pioneiro de Luiz Beltrão, os ensaios reunidos na edição especial da revista *Comunicação & Sociedade*, n. 34. (São Bernardo do Campo, Editora UMESP, 200) também constituem um convite à leitura e à reflexão crítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: UFPB, 2000.

ERBOLATO, Mário. **Dicionário de propaganda e jornalismo**. Campinas, SP: Papirus, 1985. p. 154.

KUNSCH, Waldemar. Premio Luiz Beltrão: um reconhecimento à pesquisa em comunicação. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo, SP, n. 32, p. 226-229, 1999.

LUYTEN, Joseph. Folkcomunicação. In: UEIROZ E SILVA, Roberto P. de (Coord.). **Temas básicos em comunicação**. São Paulo: Paulinas: INTERCOM, 1983. p. 32-34.

MARQUES DE MELO, José . **Comunicação Social: teoria e pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970. p. 62-64.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 69-70.

\_\_\_\_\_. Luiz Beltrão, pioneiro das ciências da comunicação. In. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 329-345.

\_\_\_\_\_. GOBBI, Maria Cristina. (Orgs.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras (Ciespal, Icinform, Ininco)**. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2000. p. 155-217.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987. p. 611.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário de folclorista brasileiro**. Recife: Comunicação e Ed., 1999. p. 116.

## APÊNDICE

### Perfil de Luiz Beltrão

Nascido em Olinda (Pernambuco), Brasil, no dia 8 de agosto de 1918, Luiz Beltrão realizou seus estudos humanísticos no Seminário de Olinda e no Ginásio Pernambucano, em Recife, graduando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco.

Mas sua vida profissional foi inteiramente dedicada ao Jornalismo, atividade que iniciou em 1936, na reportagem do Diário de Pernambuco. Como jornalista, atuou em vários órgãos da imprensa pernambucana e tornou-se líder sindical da categoria, alcançando projeção nacional. Ao participar de congressos jornalísticos no país e no exterior, escreveu ensaios e monografias em que refletiu criticamente sua profissão e seu impacto na sociedade.

Essas reflexões geraram o livro 'Iniciação à Filosofia do Jornalismo', que lhe garantiu o Prêmio Orlando Dantas - 1959, patrocinado pela Editora Agir (Rio de Janeiro), que o lançou nacionalmente no ano seguinte. Tal lançamento representou uma virada na sua carreira. A atividade profissional colocou-se em segundo plano, na medida em que avançava seu engajamento acadêmico.

Preocupado com a formação universitária dos jovens jornalistas, Beltrão aceita convite para ensinar Ética e Técnica do Jornalismo na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa - Paraíba. Ao mesmo tempo, havia apresentado projeto para a criação de um Curso Superior de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, iniciativa acolhida pela congregação dos jesuítas e implementada a partir de 1961.

Suas aulas de Jornalismo são previamente escritas, antes de expostas em sala de aula, acumulando conhecimento que lhe permitiria publicar quatro livros sobre o processo de produção jornalística e seus gêneros fundamentais. Da mesma forma, ele anotaria as experiências pedagógicas que vivenciou na preparação de jornalistas profissionais, convertendo-as em livro publicado pelo CIESPAL - Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina - sob o título "Métodos de Enseñanza de la Técnica del Periodismo" (Quito, 1963).

Sua aproximação ao CIESPAL e às idéias comunicacionais ali difundidas por cientistas europeus e norte-americanos o influenciaram a criar, em 1963, o primeiro centro brasileiro de estudos acadêmicos sobre os fenômenos midiáticos. Trata-se do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), mantido mediante convênio com a Universidade Católica de Pernambuco. Esse núcleo foi responsável pela formação da primeira equipe de pesquisadores dedicados sistematicamente aos fenômenos comunicacionais no Brasil e pelo lançamento da primeira revista científica da área - *Comunicações & Problemas* -, publicada a partir de 1965, tomando como modelo sua congênera norte-americana *Journalism Quartely*.

A repercussão nacional e internacional do trabalho inovador realizado por Luiz Beltrão no Nordeste Brasileiro, formando jornalistas e pesquisando os fenômenos da comunicação pública, foi o fator decisivo para que o Governo Castelo Branco o convidasse a assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, onde atua durante o período de 1965-1969. É ali que defende sua tese de doutoramento sobre Folkcomunicação,

convertendo-se no primeiro Doutor em Ciências da Comunicação do Brasil. Esse trabalho, parcialmente publicado em livro - “Comunicação e Folclore”(São Paulo, Melhoramentos, 1971), tem caráter seminal, gerando inúmeros estudos e pesquisas que produziu nos anos seguintes, alguns sob a forma de livros, outros sob a forma de artigos para revistas especializadas e comunicações apresentadas em reuniões científicas no país e no exterior.

Convidado a trabalhar na Fundação Nacional do Índio - FUNAI, - ele se dedica a avaliar o comportamento da imprensa brasileira diante da questão indígena, cujas principais evidências foram reunidas no livro “O índio, um mito brasileiro”(Petrópolis, Vozes, 1977).

Após sua passagem pela Universidade de Brasília, Beltrão atua como docente e pesquisador no CEUB - Centro de Estudos Universitários de Brasília -, trabalho compartilhado com intensa atividade internacional, convidado para cursos, seminários, palestras e conferências, principalmente na América Latina. O resultado dessa profícua vida intelectual é a publicação de uma trilogia sobre Teoria da Comunicação: “Fundamentos Científicos da Comunicação” (1973), “Teoria Geral da Comunicação” (1977) e “Teoria da Comunicação de Massa” (1986).

Paralelamente à produção científica sobre os fenômenos sociais da comunicação e do jornalismo, ele se dedicou à literatura, escrevendo contos, novelas e romances. Seu primeiro livro literário foi o romance “Os senhores do mundo”(Recife, 1950). Depois, surgiram: “Quilômetro Zero” (Recife, 1958), “A serpente no atalho”(Brasília, 1974), “A greve dos desempregados”(São Paulo, 1984). A consagração dessa atividade como ficcionista ocorre com a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, onde atuou com destaque até sua morte, no dia 24 de outubro de 1986. Sua última fase intelectual foi marcada pelo memorialismo, dela resultando dois livros póstumos: “Contos de Olanda” (Recife, 1989) e “Memórias de Olinda”(Recife, 1996).

Reconhecido pela comunidade acadêmica como o pioneiro dos estudos científicos sobre comunicação no Brasil, Luiz Beltrão foi escolhido pela XX Assembléia Geral da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) para ter o seu nome perpetuado no prêmio nacional que distingue os principais produtores científicos da área. Anualmente a INTERCOM confere o Prêmio LUIZ BELTRÃO de Ciências da Comunicação a personalidades e instituições que se destacaram por relevantes contribuições ao nosso campo do conhecimento.